

Inteligência Artificial: como essa tecnologia apoia o setor elétrico?

Gláucia Vieira (*)

Dentre os setores promissores do Brasil, está o segmento de energia. Fatores como a ampla capacidade de geração de energia limpa e renovável, colocam o nosso país como um importante player no mercado e com altas projeções de crescimento

Ediante de tamanho potencial, torna-se essencial que o setor busque, cada vez mais, expandir a sua atuação, algo que pode ser conquistado com o apoio de recursos da tecnologia, como por exemplo, a Inteligência Artificial (IA). Com o protagonismo da IA nos últimos anos, temos ouvido com frequência diversos especialistas afirmarem que ela é algo que veio para ficar.

Certamente, essas afirmações estão corretas, pois vemos, na prática, o seu uso e o tamanho impacto que vem provocando em diversos setores na economia global. Apesar disso, uma das grandes dores do mercado está em saber utilizar a IA a favor do negócio. O fato desta tecnologia não ser algo tão novo, abriu espaço para que fosse criado um pensamento equivocado e limitador do potencial dessa solução no dia a dia.

E pior, muitos a restringem como uma ferramenta de chat quando, na verdade, essa é apenas uma das variadas versões que ela pode ser utilizada. Em se tratando do setor de energia, a IA pode onde uma grande aliada no enfrentamento de desafios como, por exemplo, a previsibilidade. Isso é, o segmento elétrico brasileiro pode ser dividido em três pilares: geração, transmissão e distribuição.

Embora sejamos um dos países com uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, por outro lado, temos uma alta dependência da precipitação hidrológica, que, nos últimos anos, tem sido uma ação desafiadora considerando que o quadro de chuvas no país tem sido instável, levando a crises hídricas, como ocorreu em 2020 e 2021.

Esse cenário tende a piorar ainda mais, à medida que as alterações climáticas ganham força, desencadeando efeitos adversos no clima que geram instabilidades também para a geração de energia renovável. Obviamente, monitorar e prever com antecedência esses aspectos é algo desafiador, mas é possível através da IA.

brar do seguinte aspecto: nenhuma tecnologia faz nada sozinha. Precisamos enfatizar que esta é uma solução que opera por meio do abastecimento de dados. Deste modo, para que possa desempenhar seu papel, é necessário que as informações estejam estruturadas e processadas, para que, assim, sejam elaborados relatórios precisos.

E, justamente, esse é o desafio de muitas companhias do setor elétrico. Mesmo reforçando a importância de cuidar de gerenciar os dados, diversos negócios ainda exercem uma gestão manual, presos a planilhas e diversas fontes de informações. A princípio, acreditam que é o melhor caminho, mas, a longo prazo, traz prejuízos significativos.

Uma coisa é fato: o setor de energia no Brasil tem pela frente uma jornada promissora com o interesse da fabricação do hidrogênio verde no país e a abertura do mercado livre. Ambas as modalidades, sem dúvida, irão potencializar o seu desempenho, porém, para aproveitar esta oportunidade, é importante que as companhias e geradoras exerçam, desde já, uma gestão eficiente.

Nessa jornada, a IA é uma grande aliada, visto que auxilia na integração de recursos como IoT (Internet das Coisas), Machine Learning, Cloud Computing, entre tantos outros que apoiam na obtenção de dados corretos, ajudando no maior controle e identificação de oportunidades de investimento e ações efetivas.

A era da IA traz à tona a importância das empresas se prepararem e tomarem medidas que viabilizem o seu crescimento e sobrevivência no mercado cada vez mais competitivo, que também afeta o setor de energia.

Os novos tempos exigem, mais do que habilidade, a eficiência em identificar aquilo que é tendência e aplicar no dia a dia das operações. Esse não é um caminho simples, considerando que envolve toda uma mudança de mindset organizacional, entretanto, pode ser facilitado com o apoio de consultorias especializadas nessa abordagem e que compreendam as especificações do segmento.

Nada de algo futurista ou ilusório: a IA é uma realidade, pronta para ajudar aqueles que, de fato, quiserem e souberem utilizar de forma estratégica. E, para o setor de energia, essa é uma importante aliada para, mais do que apoiar, energizar o seu crescimento.

(*) - É sócia proprietária da G2 (<https://g2tecnologia.com.br/>).

Reforma tributária pode aumentar a desigualdade regional e a carga sobre empresas

A Reforma Tributária é um dos assuntos mais debatidos no cenário econômico brasileiro e uma das principais pautas políticas do ano

Propostas recentes têm como objetivo simplificar o sistema tributário do país, tornando-o mais justo e eficiente. No entanto, especialistas apontam que essa simplificação pode resultar em consequências negativas para diversos setores e regiões do Brasil.

Renata Bilhim, advogada especializada em finanças públicas, tributação e desenvolvimento, sócia da Bilhim Educação e Consultoria Tributária e ex-conselheira do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, destaca essa preocupação. "A unificação de tributos, embora vise simplificar, pode elevar as alíquotas efetivas para muitos contribuintes, especialmente aqueles que hoje se beneficiam de alíquotas diferenciadas e regimes especiais", afirma.

Aumento da carga tributária - A possível elevação da carga tributária é uma das principais preocupações. Hoje, empresas podem pagar alíquotas variáveis de acordo com a região e a atividade econômica, mas a reforma propõe uma alíquota unificada de 26,5% para Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e Imposto sobre Bens e Serviços (IBS).

Essa mudança pode afetar principalmente as médias



empresas, que operam com margens de lucro menores. O aumento da carga tributária pode reduzir a competitividade das empresas brasileiras, dificultando exportações e atração de investimentos estrangeiros. Em um efeito cascata, pode impactar, mais adiante, na empregabilidade e bolso do consumidor final.

Além disso, a implementação do novo sistema pode ser complexa e custosa. A transição para o modelo unificado exigirá uma adaptação significativa tanto por parte das empresas quanto do governo. A mudança para o IBS requer uma reformulação completa dos sistemas de contabilidade e gestão fiscal, além de novos mecanismos de arrecadação e fiscalização. A incerteza durante o período de transição pode gerar insegurança jurídica e desestabilizar o ambiente de negócios.

Desigualdade regional - Outro ponto de preocupação é a desigualdade regional. A unificação de tributos pode prejudicar estados e municípios que atualmente têm regimes tributários mais vantajosos, reduzindo sua autonomia financeira. Estados e municípios que dependem de incentivos fiscais para atrair investimentos podem perder essa vantagem competitiva com a uniformização das alíquotas.

Além disso, a redistribuição de receitas entre as diferentes esferas de governo pode não compensar adequadamente as perdas de arrecadação em regiões menos desenvolvidas. Isso pode aumentar as disparidades regionais e limitar a capacidade de investimento em infraestrutura e serviços públicos essenciais.

Setores específicos prejudicados - Alguns setores da economia, prin-

cipalmente o de serviços, podem ser particularmente afetados pela mudança na estrutura tributária. Atualmente existem alíquotas mais baixas de Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS), mas a implementação do IBS pode significar um aumento significativo na carga tributária. O setor de serviços, que hoje paga entre 2% e 5% de ISS, pode passar a ser sujeito a uma alíquota de 26,5%, o que representa um aumento considerável para o bolso de qualquer empresário.

As consequências não ficam apenas no mundo corporativo. A advogada alerta que esse aumento pode resultar em preços mais altos para os consumidores e uma redução na demanda por serviços. Isso pode afetar negativamente a economia como um todo, especialmente em um momento em que a recuperação econômica é fundamental.

O recomendado é cautela, já que uma reforma tributária afeta a vida de todos os brasileiros. É essencial que o debate sobre a Reforma Tributária continue buscando um equilíbrio que minimize suas consequências negativas e garanta que seus objetivos de simplificação e justiça tributária sejam alcançados. - Fonte e mais informações: (<https://www.instagram.com/renatabilhim/>).

Qual o melhor formato de contratação de colaboradores para o seu negócio?

Na gestão de pessoas, a escolha entre contratação via CLT ou por prestadores de serviço é uma decisão estratégica que pode impactar diretamente a sustentabilidade de um negócio.

De acordo com dados do IBGE, o Brasil conta com aproximadamente 33 milhões de trabalhadores formais contratados via CLT, enquanto cerca de 24 milhões atuam como autônomos ou prestadores de serviço. Ambas as modalidades possuem vantagens e desvantagens que devem ser cuidadosamente analisadas.

Segundo Daiane Milani, empresária especialista em branding e desenvolvimento humano, a escolha entre CLT e prestadores de serviço deve ser guiada pela estratégia da empresa e pelo tipo de trabalho a ser realizado.

"É essencial considerar o perfil dos projetos, a cultura organizacional e o custo-benefício a longo prazo. A flexibilidade e a especialização dos prestadores de serviço podem ser uma vantagem competitiva em determinados cenários, enquanto a segurança e a estabilidade da CLT são fundamentais para empresas que buscam construir um time coeso e engajado", explica.

Contratação CLT - vantagens e desvantagens

Estabilidade: oferece uma relação de trabalho mais estável e segura

tanto para o empregador quanto para o empregado.

Benefícios trabalhistas: direito à férias remuneradas, 13º salário, FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), licença-maternidade/paternidade, entre outros.

Engajamento e fidelidade: Promove maior engajamento e fidelidade dos colaboradores, assegurando que todos os direitos trabalhistas sejam cumpridos.

Custos elevados: Pode ser onerosa para a empresa, devido aos encargos trabalhistas e à burocracia envolvida, principalmente para empresas pequenas e médias.

Contratação de prestadores de serviço 'PJ': vantagens e desvantagens

Flexibilidade: Permite a contratação para projetos específicos, sem a necessidade de vínculo empregatício e os respectivos encargos.

Redução de custos: Pode ser uma opção interessante para empresas que buscam mais flexibilidade e redução de custos.

Riscos jurídicos: É importante que o contrato de prestação de serviços esteja bem definido para evitar problemas jurídicos futuros, como a caracterização de vínculo empregatício disfarçado.

Milani também reflete sobre o assunto na esfera do branding da empresa contratante. "É fundamental alinhar a escolha à identidade da marca e aos valores corporativos. A contratação via CLT pode reforçar a cultura de estabilidade e compromisso, essencial para marcas que valorizam a lealdade e o desenvolvimento a longo prazo", pontua.

Já sobre os contratos conhecidos como "PJ", a especialista acredita que os prestadores de serviço oferecem a flexibilidade e a inovação necessárias para marcas que operam em mercados dinâmicos e precisam de soluções rápidas e especializadas. "A chave está em entender como cada modelo de contratação pode fortalecer a proposta de valor da marca e a experiência oferecida ao cliente", relata.

Para que o empregador tome uma decisão, é importante avaliar não apenas os custos imediatos, mas também o impacto a longo prazo na cultura organizacional, na satisfação dos colaboradores e na capacidade de inovação e adaptação do negócio.

"Com uma análise criteriosa e alinhada aos objetivos estratégicos, as empresas podem tomar decisões mais assertivas, garantindo uma gestão de pessoas que contribua para o crescimento sustentável da organização", finaliza. - Fonte e mais informações: (https://www.instagram.com/daiamilani_/).